

MEIOS E QUALIDADE DA EDUCAÇÃO SEXUAL DE JOVENS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO POR MEIO DA INTERNET

EDUARDA MARTINS MALÜE¹; MARIANA DA COSTA CASTRO²; ISABELLA STRELOW FONSECA³; ANA LAURA SICA CRUZEIRO SZORTYKA⁴.

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – eduardammalue@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – marianadacastro@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – strelowisabella@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – alcruzeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde define a sexualidade como ligada à vida e à saúde dos indivíduos, fazendo-se presente durante todas as fases do desenvolvimento, desde o momento em que nascemos (BRASIL, 2010). Ela é multifatorial e envolve a interação de fatores de ordem biológica, psicológica, cultural, histórica e social, fortemente influenciada por fatores contextuais como crenças familiares, normas morais e tabus sociais (BRASIL, 2010). Desta forma, a sexualidade não diz respeito apenas à relação sexual, mas também à identidade da pessoa e como ela se relaciona com o meio, ou seja, sua corporeidade, percepção de gênero, desejos, crenças, papéis sociais, afetos e relacionamentos (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

A educação sexual é um processo contínuo de ensino e aprendizagem acerca da sexualidade humana. Ela é uma prática educacional que ocorre, informalmente, por meio da relação do indivíduo com o ambiente, inicialmente por meio da família, e posteriormente na escola, como prática pedagógica (FIGUEIRÓ, 2010).

A família é um dos contextos mais influentes na formação das perspectivas, comportamentos e crenças a respeito da sexualidade, mesmo que de forma implícita (PRETO, 2011). Ainda assim, existem uma série de barreiras que obstruem a educação sexual por meio da família, incluindo o sentimento de constrangimento dos pais, desconhecimento sobre como abordar o tema e também diferenças geracionais, que indicam maior repressão acerca da sexualidade por gerações anteriores (SAVEGNAGO; ARPINI, 2016).

Devido à recorrente dificuldade dos pais em abordar o tema da sexualidade, muitos jovens buscam seus pares para sanar dúvidas e curiosidades acerca desta temática (SAVEGNAGO; ARPINI, 2016). Contudo, a via da educação sexual por meio de grupos de amigos pode favorecer o acesso a desinformação e comportamentos sexuais de risco (SAVEGNAGO; ARPINI, 2016).

A partir das dúvidas e do sentimento curiosidade, muitos jovens recorrem também aos meios de comunicação a fim de obter informação sobre sexualidade (SELOILWE et al., 2015). Deste modo, o acesso a estes conteúdos na internet, sem monitoramento, é associado ao acesso à pornografia, violência física, sexual e de gênero e informações distorcidas sobre sexualidade (UNICEF, 2019).

Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), em 2019, 84,7% dos escolares no 9º ano do Ensino Fundamental haviam recebido orientação na escola acerca de prevenção à gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (IBGE, 2019). Dito isto, a educação sexual no contexto escolar é uma efetiva fonte de informação, considerando que muitas

vezes o diálogo sobre sexualidade em casa é nulo e a abordagem entre pares e na internet pode ser permeada de desinformação (FURLANETTO et al., 2019).

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar os meios de educação sexual e a percepção da qualidade desta informação, de jovens de 14 a 24 anos, predominantemente residentes do município de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Este é um estudo de delineamento transversal, com jovens de 14 a 24 anos, durante os períodos de julho a agosto de 2021, em maior parte residentes da cidade de Pelotas/RS. De acordo com o IBGE, na cidade de Pelotas em 2018, haviam 27.815 jovens de 20 a 24 anos. Considerando os seguintes parâmetros: prevalência esperada para iniciação sexual de 47,3% (prevalência de desfecho com maior amostra necessária), nível de confiança de 95%, erro aceitável de 1pp, estimou-se uma amostra de 378 jovens e, acrescentando-se 10% para perdas e 5% para suprir a idade de 19 do cálculo, obteve-se um total de 434 jovens (VIEIRA et al. 2021).

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas sob o número 4.808.649.

Precedente à coleta de dados, o convite de participação da pesquisa se deu de forma distinta entre adolescentes, menores de idade, e jovens, maiores de idade. Em relação aos menores de idade, instituições de ensino do município de Pelotas/RS mediarão o contato e convite da equipe de pesquisa com a população. A participação das escolas na pesquisa foi voluntária, sendo precedida pela autorização formal da Secretaria Municipal de Educação e da 5ª CRE - Coordenadoria Regional De Educação.

As instituições escolares mediarão o contato da equipe de pesquisa com os pais e responsáveis, por meio do encaminhamento do contato de *e-mail* ou telefone dos pais. Estes foram convidados a autorizar os menores a participar da pesquisa, por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A partir do consentimento dos tutores, foi encaminhado ao adolescente o Termo de Assentimento, juntamente ao questionário.

Em relação aos jovens maiores de idade, a pesquisa foi divulgada através de mídias sociais, dentre elas *Whatsapp*, através do contato com os estudantes, *Facebook*, nos grupos de faculdades do Brasil e *Instagram*, pela página do projeto "SE TOCA", fator que ocasionou na participação de jovens moradores de diversas localidades do país. Antes de responder ao questionário foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para concordância em participar da pesquisa, ao qual esclarece quanto à justificativa, objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa. Todos os entrevistados tiveram a opção de desistir da pesquisa a qualquer momento.

O questionário caracteriza os aspectos sociodemográficos e de comportamento sexual da população estudada. Este instrumento abrangeu as seguintes variáveis: sexo; gênero; orientação sexual; idade; cor de pele; classe socioeconômica; uso de álcool, tabaco ou drogas ilícitas no último mês; idade da primeira relação; presença de parceiros fixos ou esporádicos; proteção durante a relação sexual; exposição de risco ao contágio de COVID-19 em prol de encontros afetivos ou práticas sexuais e comportamento sexual de risco.

Este trabalho faz parte de uma investigação maior intitulada "Comportamento Sexual de jovens durante a pandemia de COVID-19". Os dados foram coletados e transferidos para o software STATA versão 15.0, em seguida foi

conduzida uma análise descritiva acerca dos meios de educação sexual e a percepção de qualidade destes, relatados pelos jovens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, foram entrevistados 963 jovens, dentre os entrevistados, 68,4% eram do sexo feminino, 31,3% do sexo masculino e 0,03% intersexo. A respeito de faixa etária, 28,1% tinham entre 14 e 17 anos, 26,7% tinham entre 18 e 19 anos, 21,7% tinham entre 20 e 21 anos e 23,5% tinham entre 22 e 23 anos. Em relação à raça, 73,6% se autodeclararam brancos, 11,9% pretos, 13,6% pardos, 0,2% indígenas e 0,6% amarelos.

Entre os entrevistados, 95,3% se identificavam como cisgênero, 1,5% como transgênero e 3,7% como não binário. Quando questionados sobre orientação sexual, 61,8% se declararam heterossexuais, 9,3% homossexuais, 23,3% bissexuais, 4,4% panssexuais, 0,4% demissexuais e 0,8% assexuais.

Em relação aos meios de educação sexual, 95,9% obtiveram algum tipo de educação sexual, dentre estes, 68% afirmaram ter obtido informação a partir dos meios de comunicação, 48,5% pelos pais, 43,4% de amigos, 41,1% da escola, 24,6% de parceiros sexuais e 11,2% de outros familiares. Quando questionados sobre a percepção da qualidade da educação sexual, 19,6% consideraram excelente, 35,1% boa, 30,3% regular, 10% ruim e 5% péssima.

Os resultados obtidos por este estudo dialogam com a revisão bibliográfica de DANZMANN et al. (2022), que atestam que a maior parte de sua amostra obteve educação sexual por meio dos pais, seguido pela escola, meios tecnológicos, amigos e, por último, por profissionais da saúde. Esta revisão reúne artigos elaborados entre os anos de 2016 e 2020, os quais apresentam dados anteriores à pandemia de COVID-19. Em contrapartida, o presente estudo investiga estas variáveis a partir do contexto de pandemia, em que constatou-se uma maior frequência da educação sexual pelos meios de comunicação, enquanto que foi atestada uma menor frequência de orientação pelos pais, pela escola e amigos. Neste sentido, o isolamento social oriundo da pandemia dificultou o acesso dos jovens à informação por meio da escola e amigos, enquanto que o confinamento no ambiente doméstico não facilitou, necessariamente, a comunicação entre pais e filhos.

Em relação a percepção da qualidade da educação sexual, FURLANETTO et al. (2019), em um estudo exploratório, atestaram que 41,5% da amostra de jovens considerava sua educação sexual boa, ou excelente, enquanto 40,3% considerou mediana e 18,2% ruim, ou muito ruim. Do mesmo modo, o presente estudo também constatou que a maior parte da amostra considerou sua educação sexual excelente, boa ou regular.

4. CONCLUSÕES

Este estudo corrobora a literatura sobre sexualidade, especialmente no que tange ao impacto da pandemia e da tecnologia na educação sexual de jovens e adolescentes. Isto posto, ao passo que a pandemia de COVID-19 facilitou o acesso à educação sexual pela tecnologia, a família, escola e amigos mostraram-se fontes menos recorridas pelos jovens. Deste modo, mesmo que a percepção deles de que sua educação sexual foi positiva, a qualidade das informações obtidas pelos meios tecnológicos é ambígua e pode ser permeada de desinformação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidades**. 2 ed. Brasília, UNESCO Brasil, 2004,.

DANZMANN, P. S. et al. Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 11, p. 3981-3981, 2022.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. Londrina: Edue, 2010.

FURLANETTO, M. F., MARIN, A. H.; GONÇALVES, T. B. Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, cap.19, v.,3, p. 644-664, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar**: 2009, 2012, 2015 e 2019 - Portal do IBGE. Rio de Janeiro: 2019. Acessado em 08 de agosto de 2022. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=resultados>

PRETO, N. G. Transformação do sistema familiar na adolescência. In CARTER, B.; MCGOLDRICK, M.(Orgs.). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre, RS: Artmed, p. 223-230, 2011.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: O ponto de vista de mães adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, c. 36, v.1, p. 130-144, 2016.

SELOILWE, E. S., MAGOWE, M. M., DITHOLE, K., & LAWRENCE, J. S. Parent and youth communication patterns on HIV and AIDS, STIs and sexual matters: Opportunities and challenges. **Journal of Child and Adolescence Behavior**, c. 3, v. 203, 2015.

UNICEF. **The Opportunity for Digital Sexuality Education in East Asia and the Pacific**, Bangkok: UNICEF East Asia and Pacific, 2019. Acesso em 09 de agosto de 2022. Online. Disponível em www.unicef.org/eap/reports/opportunity-digital-sexuality-education-east-asia-and-pacific.

VIEIRA, K. J. et al . **Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro , v. 25, n. 3, e20200066, 2021.